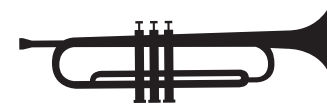


Diogo Ramada Curto

PARA QUE
SERVE A HISTÓRIA?



Prefácio de
Angela Alonso

LISBOA:
TINTA-DA-CHINA
MMXIII

© 2013, Diogo Ramada Curto
e Edições tinta-da-china, Lda.
Rua João de Freitas Branco, 35A
1500-627 Lisboa
Tels.: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30
E-mail: info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

Título: *Para Que Serve a História?*
Autor: Diogo Ramada Curto
Prefácio: Angela Alonso
Revisão: Tinta-da-china
Composição e capa: Tinta-da-china

1.ª edição: Abril de 2013
ISBN 978-989-671-151-1
Depósito Legal n.º 356 799/13

Índice

- 7 Prefácio: Serventias da história
13 Introdução
- 19 HISTÓRIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
23 *Ciências sociais e história; 55 Por uma concepção aberta das ciências sociais; 63 Para que servem as ciências sociais e as humanidades?*
- 69 INTELLECTUAIS E HISTORIADORES
73 *Que ciência para a crise? 83 Intelectuais e campo do poder; 92 Florença, a liberdade e a tirania; 98 Por uma história das grandes estruturas; 101 Intelectuais e star system; 108 A história do presente*
- III CAMPO CULTURAL E ENSINO
115 *Monopolizou a universidade a vida cultural? 121 O livro: contra a corrente? 125 Bibliotecas e arquivos à deriva; 137 Elogio dos professores do ensino básico e secundário*
- 141 FAZER HISTÓRIA
145 *A memória do império; 155 Camilo Pessanha: materialidade e evanescência; 162 Fernando Pessoa: o ensaio político, o iberismo e o pensamento imperial; 170 História do Brasil colonial e comemorações; 175 Politização da história; 181 Por um debate de ideias num panorama sem crítica; 188 Identidade nacional e história de Portugal; 194 Progressos da história?*
- 199 BIOGRAFIA E HISTÓRIA
203 *Manuel Cerveira Pereira; 209 Roger Casement; 215 Otelo Saraiva de Carvalho; 222 Jorge Sampaio*
- 229 Notas
241 Índices remissivos

Prefácio

Serventias da história

por Angela Alonso¹

Se você decidiu iniciar a leitura desse livro, irá atravessar o mar de referências eruditas de Diogo Ramada Curto. Esse timoneiro navega com a mesma desenvoltura pela historiografia de Marc Bloch e Fernand Braudel, como pela sociologia de Maurice Halbwachs e de Pierre Bourdieu, faz incursões atiladas pelos meandros econômicos de Keynes e Friedman, organiza os debates em torno da história das ideias, de Carlo Ginzburg a Quentin Skinner, e se embrenha na literatura de Vargas Llosa e de Fernando Pessoa. Para chegar a bom porto, o percurso exige conhecimento vasto de campos díspares. Como exige a habilidade mais apreciável deste livro, a de traduzir o complicado ao simples, de reduzir ao essencial, de ir ao ponto.

Erudição aqui não rima com pedantismo. Ao contrário, desponta a serviço de uma prosa que informa os de fora, os alheios à academia ou a um campo historiográfico específico, e que se furta ao hermetismo tantas vezes encobridor das convicções mornas. Diogo Ramada Curto não as possui. Suas opiniões são desabridas, toma partidos, esclarece o seu lado. Isso nos meios historiográficos, em que está o seu ofício, e nos sociológicos, de que é filho adotivo. A série de artigos luminosos que aqui se reúne se poderia nomear mais bem de história social dos intelectuais, porque é disso

¹ Professora livre-docente no Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo; directora científica do Cebrap — Centro Brasileiro de Análise e Planejamento.

que o tempo todo o livro trata, indo e vindo entre sociologia e história, entre a província e o mundo, e tomando ângulos variados para analisar a vida intelectual.

Os intelectuais são a tópica que traspassa o livro, seja com o olho em sua inscrição institucional, seja no balanço entre seus ímpetos de reprodução e de inovação, seja na circulação internacional dos conhecimentos. Neste último caso, sobressaem o papel das redes transnacionais de interação social entre intelectuais, a recepção de seus livros e ideias e os debates que travam entre si. Aí temos, por exemplo, a recepção portuguesa de Bourdieu; o contraponto entre Keynes e Hayek, e entre Skinner e Ginzburg, em análises nas quais o viés comparativo traz alto rendimento. E, *last but not least*, os intelectuais aparecem tematizados pelo lado da intervenção política, das relações entre os acadêmicos e o campo do poder.

Talvez seja essa senhora, a política, o grande fio condutor do livro. Aparece sob sua forma grandiosa, como na investigação do contexto europeu pós-Segunda Guerra. Finca-se como tomadas de posição dos intelectuais, por intermédio de seus livros, como de atos e alianças. Imiscui-se como política pública, de preservação da memória, dos arquivos. E ainda se infiltra como política pessoal, no tracejar das relações — e contradições — entre a vida e a obra de intelectuais (como bem se vê no comentário a Eric Hobsbawm).

Do começo ao fim do livro, os intelectuais são não só tema como problema. O livro se abre com Maurice Halbwachs, seguido nos capítulos subsequentes por uma plêiade de historiadores e cientistas sociais, portugueses como estrangeiros, do longo século xx, não para delinear modelo explicativo abstrato, mas antes descortinar as relações entre a produção do conhecimento (histórico, sociológico, econômico, etc.) e o contexto sociopolítico em que

se encerra cada autor. O foco incide nas tomadas de posição política dentro e fora dos textos, a mostrar que o conhecimento nunca nasce neutro, que sempre envolve uma política, seja como ação, seja como forma de pensar, seja explícita, seja negociada. Aí também se aquilatam e se desromantizam os intelectuais, que pendem muita vez à esquerda, como Braudel, que escreveu seu clássico *O Mediterrâneo no Tempo de Filipe II* na prisão, mas que também podem se enamorar pela direita: Ramada Curto o aponta em Karl Popper, como também em Vargas Llosa, e assim o demonstra na relação dos acadêmicos portugueses com o Estado Novo.

A inserção social dos intelectuais lança luz sobre essas tomadas de posição política. O autor chama a atenção para a produção de obras-chave de vários nomes de peso da historiografia portuguesa em situações de marginalização social ou institucional em relação aos núcleos de poder nacional. Noutros casos, como o do brasileiro Celso Furtado, a luz incide em gênero diverso de marginalização, a do intelectual exilado. Dilemas gerados por essas situações de ostracismo em terra pátria ou no estrangeiro são exploradas por meio de cuidadosa reconstituição de trajetórias pessoais e profissionais. De outra parte, o livro também tematiza a difícil institucionalização das carreiras de humanidades, pós-Segunda Guerra, e aponta para os impasses a que posteriormente levou a especialização da produção do conhecimento, seja sociológico, seja historiográfico, que empobreceu a ambos — ao passo que as gerações pioneiras se beneficiaram das trocas mútuas.

A biografia como técnica e como problema metodológico é outro assunto do livro. Comparece sob forma de miniperfis de intelectuais, mais para o fim, em textos de pendão literário. Mas a biografia escapole da sessão que o autor lhe destinou. As reflexões sobre sua feitura e as armadilhas que acarreta — a «ilusão

biográfica», de Bourdieu — bordam o livro todo. Em exercícios vizinhos da micro-história, grandes nomes da historiografia são postos sob lupa; uns saem chamuscados, mariposas da lâmpada do poder; outros ressurgem engrandecidos, ao praticarem a independência em momentos nos quais ela impunha alto preço pessoal — o caso de Marc Bloch, morto pelo nazismo.

A terceira parte do livro engolfa o que o próprio autor chama de «manifestos». Do alto de sua situação de historiador estabelecido e respeitado, autor de cinco livros solo, todos de impacto no campo — *O Discurso Político em Portugal (1600-1650)*, 1988; *Cultura Escrita Séculos XV-XVIII* (2007); *As Múltiplas Faces da História* (2008); *Cultura Imperial e Projectos Coloniais (1415-1800)*, 2009; *Cultura Política no Tempo dos Filipes (1580-1640)*, 2011 —, e de quase uma centena de artigos e cerca de duas dúzias de edições e co-autorias, Ramada Curto tem ainda a reputação chanceada pela posição de professor visitante de prestigiosas universidades — École des Hautes Études en Sciences Sociales, Brown University, Yale University, King's College, European University Institute (Florença). Com esse currículo, alcançou a posição de independência intelectual — a mesma que fareja em alguns de seus estudados — e que lhe dá a prerrogativa de falar sem peias. Nesta sessão de «manifestos», o autor troca de lugar com vários de seus objetos nas sessões anteriores, ao se apresentar como intelectual engajado, que protesta contra as condições para o trabalho académico (caso da situação dos arquivos) em Portugal; que se indigna contra o produtivismo intelectual, as publicações a galope para atender indicadores no geral alheios à qualidade da pesquisa; a especialização excessiva, que empana a vista para as relações entre campos do conhecimento; o culto à metodologia por si, sem atenção à peculiaridade dos casos; a internacionali-

zação deslumbrada, desprovida de projeto intelectual e que não deixa de ser um tipo de provincialismo.

São todos artigos curtos e incisivos, com o tom cortante da opinião a quente e para os quais o *J'accuse* de Zola não faria má epígrafe. Textos de intervenção mais *à gauche*, que exalam decepção com o presente — «panorama intelectual pobre e lúgubre» — no qual Ramada Curto se põe como intelectual que faz política, que se expõe, que interfere, que quer fazer diferença, dentro como fora de sua seara de especialista. Trava seu combate filiando-se aos cânones que comenta, ora mais contido, como Marc Bloch, ora às escâncaras, como Eric Hobsbawm. Assim se planta ele mesmo, ao longo dessas páginas, como intelectual público. Tudo isso dá o sal polêmico do livro, que se declara ao começo «convite incómodo a fazer uma sociologia histórica das ciências sociais e da história». Já o fim põe o leitor a matutar com a pergunta do título: «Para que serve a história?» A resposta, Ramada Curto a dá à sobeja nestas páginas como em toda a sua trajetória profissional: a história serve para provocar o dogmático, para desestabilizar convicções, para contaminar de curiosidade, para instigar à pesquisa, para produzir a inquietude, para inquirir o presente; serve, como este livro, de lancinante apelo à inteligência.

INTRODUÇÃO

Este pequeno livro foi escrito contra os que pensam que a utilidade da história está nas lições que podem ser retiradas do passado¹. É que nem o passado pode dar lições, nem este existe dissociado das questões que lhe colocamos situados no nosso próprio tempo. Começo por insistir neste ponto, por considerar que não existe nada pior numa relação com o passado do que tratá-lo como um depósito de factos ou figuras, de situações ou de processos transparentes, prontos a ser transformados em doutrina para explicar o presente. A utilidade de fazer e escrever história — que só pode resultar de uma aprendizagem lenta, através da qual será possível conhecer grandes e pequenos processos de mudança social, que se desenrolam num tempo com múltiplas texturas — consiste em aprender a ganhar distância em relação a um passado que não nos obriga². Pode mesmo dizer-se que a história — nas suas formas mais elaboradas de consciência, com as suas operações de análise, explicação, interpretação e construção — nos liberta do passado. Dito de outro modo, a história serve para nos treinarmos a tratar o passado ou, mais propriamente, os processos de mudança como se estes fossem um país estrangeiro, conforme já foi referido na metáfora de uma geografia dividida em nações. Fazer história é, pois, um exercício de liberdade, através do qual aprendemos a tratar o passado enquanto tal e a não nos sentirmos obrigados à sua simples reprodução. A este propósito, mal vai a história quando

serve para impor o passado e a tradição. E os historiadores que levantam a voz em nome do passado e que se sentem autorizados a dele tirar lições para o presente — como se fossem simples guardiões de uma memória colectiva tomada como adquirida — são aqueles que têm mais dificuldade em reconhecer que a história não é a mestra da vida. A vida é que é a mestra da história.

Depois, a utilidade da investigação em história constitui-se num exercício equivalente ao da aprendizagem prática de um ofício ou ao treino num desporto qualquer, já que em qualquer dos casos somos introduzidos em simultâneo nas regras do jogo e na necessidade de melhorar a sua prática. Neste último caso, os procedimentos, longe de nos serem inculcados como se fossem elementos de uma ordem prescritiva, supõem a criação de inúmeras formas de distância. Se tal não suceder, terão de ser os próprios praticantes a tomar consciência da falta de preparação para exercer o seu ofício ou praticar o seu desporto. Mesmo que seja inútil reduzir a um modelo com múltiplas variáveis tais formas de distância, será possível dizer que, através de um treino prolongado ou de uma prática quotidiana orientada para a introdução num ofício, o historiador aprende: a distinguir entre causas externas e motivos subjectivos da acção; a destringer entre a linguagem do presente e a dos agentes que toma por objecto, de forma a exercer um maior controlo sobre as auto-representações de uma época; a conhecer os diferentes tempos e ritmos que se cruzam numa mesma sociedade; a fazer história com uma base analítica e comparativa — fugindo a modelos pré-construídos e ao gosto por teses, extremadas por polémicas, que respondem sobretudo a lógicas sociais de afirmação e de distinção e pouco têm que ver com a prática científica — bem como a recorrer à história social dos objectos de construção da análise social, para poder reflectir

e assim controlar melhor os seus próprios objectos; a vigiar constantemente os instrumentos de prova, partindo da noção clara de que nenhum arquivo ou base documental é transparente; e, por último, a saber fazer a crítica dos conceitos e do pensamento dos historiadores que o precederam e a que tem necessidade de recorrer para ganhar consciência dos seus exercícios analíticos. Paralelamente, uma enorme distância deverá ser tomada entre a prática da cidadã e a da historiadora. As lutas de libertação e de emancipação em que nos envolvemos — entre as quais teremos sempre de incluir as que contrariam as desigualdades entre géneros — não poderão ser confundidas com o exercício sereno da análise histórica. Porém, a este respeito, será mais uma vez escusado postular princípios, se estes não forem incorporados na própria prática do fazer história.

Este pequeno livro reúne ensaios e manifestos preparados desde 2010. Uma excepção vai para dois breves textos, incluindo o comentário relativo às investigações sobre a história do Renascimento de Anthony Molho, grande historiador com quem tanto aprendi, dividi projectos e a quem tanto devo na minha vida fora de Portugal. O primeiro ensaio deste livro foi escrito para responder ao convite que me foi feito por Nuno Gonçalo Monteiro, do Instituto de Ciências Sociais, para proferir a lição inaugural de um programa de doutoramento em história. Os outros ensaios e recensões — publicados na sua quase totalidade em jornais portugueses de grande circulação, *Público* e *Expresso*, a convite, respectivamente, de Isabel Salema e António Guerreiro, a que acrescentei uma colaboração para o importante projecto em que se tem vindo a transformar a edição portuguesa do *Le Monde Diplomatique*, e uma outra para a revista *Ler* — respondem a uma dupla preocupação. Por um lado, a de intervir num espaço que ultrapasse os

muros da academia, sem no entanto ceder às simplificações mais ou menos eufemísticas associadas ao gosto de um público alargado. Estou mesmo convencido de que as instituições normalizadoras da investigação científica, nas suas rotinas burocráticas, estão hoje menos preparadas para lidar com debates mobilizadores de ideias mais aprofundadas do que alguns órgãos de comunicação, em fase de reinvenção devido às pressões do mercado. Por outro lado, a reunião num único volume destes mesmos ensaios procura conjugar um interesse em reflectir sobre as condições a partir das quais se exerce em Portugal o ofício de historiador com análises mais substantivas em domínios específicos: da história do império à escrita das biografias, da nação à história dos intelectuais e das ciências sociais.

Escritos à margem de outras actividades lectivas, editoriais e de projectos de investigação, os ensaios aqui reunidos dão ainda conta de outras duas preocupações de sentido muito diverso, mas cujos resultados têm sido ou serão apresentados noutros lugares. Refiro-me, antes de mais, à necessidade de retomarmos a questão das ligações entre história e ciências sociais. No meu entender, o atraso historiográfico português deve-se, em boa medida, a este divórcio — que as modas do narrativismo e da escrita de biografias só de forma muito forçada parecem justificar ou esconder. A nova colecção «História & Sociedade» das Edições 70 (2010-), que fundei e dirijo em conjunto com Miguel Bandeira Jerónimo e Nuno Domingos, corresponde precisamente a essa necessidade. A colecção «Memória e Sociedade» — que criei em 1988 com Francisco Bethencourt, que passei a dirigir sozinho em 1995 e que terminou em 2005 — tinha a mesma ambição e nela foram publicados quase quarenta títulos. Só através dessa ligação será possível desenvolver formas mais experimentais de fazer história

e ciências sociais, assumindo interesses pela comparação — como sempre defendeu Francisco Bethencourt — e adoptando abordagens mais globalizantes. Numa outra perspectiva, reconheço que qualquer historiador tem de manter um estreito contacto com as fontes, desenvolvendo o seu gosto pelos arquivos. A este propósito, devo dizer que os anos que correspondem à escrita deste livro foram, para mim, sobretudo marcados pela consulta permanente de arquivos públicos, muito em particular do Arquivo Histórico Ultramarino e da Torre do Tombo, e do Arquivo Cadaval. Como historiador de ofício, o contacto com as ciências sociais, sobretudo nos seus projectos mais globalizantes, e o gosto quotidiano pela consulta do arquivo têm-me servido de lição para ousar escrever e fazer um tipo de história com uma base analítica cada vez mais crítica e vigilante. Não escondo, por isso, o meu enorme entusiasmo pelos arquivos. Enfim, os pequenos ensaios e manifestos que compõem este livro deverão ser lidos e criticados como uma parte da minha oficina, no interior da qual se encontra uma constante preocupação em fazer história, numa relação permanente com o conjunto das ciências sociais e com os instrumentos de prova de natureza arquivística.

Por todas estas razões, tomara que um dia consiga explicar às minhas filhas, Maria e Madalena, a quem este pequeno livro é dedicado, «para que serve a história».

Índices remissivos

Índice onomástico

- ABREU, CAPISTRANO DE: 173
Adorno, Theodor: 77
Agamben, Giorgio: 79
Albuquerque, Afonso de: 147
Albuquerque, Luís de: 151
Albuquerque, Mouzinho de: 222
Alderman, Jeremy: 83
Alexandre, Valentim: 151
Almeida, Pedro Tavares de: 188
Alonso, Angela: 7, 84
Álvares, Gaspar (capitão): 204
Alves, Clara Ferreira: 137
Amaral, Marcelino: 74
Amaro, Carlos: 156, 158-159
Amorim, Francisco Gomes de: 224
Antunes, Manuel (Padre, S.J.): 193
Araújo, António: 182, 229
Arendt, Hannah: 77
Aron, Raymond: 78-79, 229
Aubin, Jean: 152-153
Azevedo, João Lúcio de: 173
- BADIOU, ALAIN: 79
Baião, António: 147
Bandarra: 166
Baron, Hans: 92-97, 103, 236
Barreto, António: 181-182
Barros, Henrique de: 31
Berlin, Isaiah: 78, 105
Berr, Henri: 26, 230
- Bethencourt, Francisco: 16-17, 128, 151
Bilac, Olavo: 172
Bismarck, Otto von: 167
Bloch, Marc: 7, 10-11, 23, 25, 29, 63-64, 68, 98, 102, 122, 188, 230
Blum, Léon: 107
Bocage, Manuel Maria de Barbosa du: 53
Bourdieu, Pierre: 7-8, 10, 56-59, 61-62, 66, 79, 84
Boxer, Charles: 149, 196
Braudel, Fernand: 7, 9, 25, 42, 79, 98, 102, 153
Brito, Joaquim Pais de: 117
Burckhardt, Jacob: 95
Burgess, Ernest: 23
Burrow, John: 107
- CABRAL, ARTUR DE SACADURA: 170, 173
Cabral, Manuel Costa: 65
Cabral, Maria Luísa: 129, 229
Cadbury, William: 145
Caetano, Marcello: 34, 222, 233
Caldas, Eugénio de Castro: 31, 233
Calvino: 94
Camões, Luís Vaz de: 53, 224
Campos, Fernanda: 129
Cão, Diogo: 206
Capela, José: 178
Carpentier, Alejo: 45, 50, 234
Carreira, António: 150, 178

Carvalho, Otel Saraiva de: 5, 215-221, 239
 Casement, Roger: 5, 201, 209-214
 Casimiro, Augusto: 47, 233
 Cassirer, Ernst: 77
 Castanheira, José Pedro: 224-225, 227, 239
 Castilho, José: 222, 234
 Castro, José Cardoso Vieira de: 222
 Cepeda, Isabel: 129
 Charle, Christophe: 91, 107
 Collini, Stefan: 107
 Collins, Randall: 107, 231
 Cordeiro, Inês: 130, 132
 Correia, António Mendes: 31, 146, 230, 233
 Cortesão, Jaime: 31, 55, 64, 115, 129, 146-147, 165, 172, 178-179
 Costa, Miguel Freitas da: 75
 Coutinho, Carlos Viegas Gago: 170, 173
 Cruz, Albino Sousa: 171
 Cunha, Euclides da: 172
 Cunhal, Álvaro: 222

DÁSKALOS, ALEXANDRE: 234
 Deleuze, Gilles: 79
 Deslandes, Venâncio (General): 218-220
 Dias, Carlos Malheiro: 170-173
 Dias, Gastão Sousa: 146, 207
 Dias, Jill: 150
 Dias, Jorge: 31, 188, 191, 196
 Dias, Pedro: 132
 Domingos, Manuela: 129
 Domingos, Nuno: 16, 229, 233
 Duffy, James: 197
 Dulcinea: 207
 Durkheim, Émile: 23-24, 27-28, 31

EICHMANN, ADOLF: 89
 El Greco: 203
 Engels, Friedrich: 99
 Espada, João Carlos: 182

FANON, FRANZ: 227
 Febvre, Lucien: 23, 26, 29, 79, 230
 Fernandes, José Manuel: 182
 Fernandes, Paulo Jorge: 222
 Filipe II: 9, 42, 166
 Flaubert, Gustave: 201
 Foucault, Michel: 79
 Franchetti, Paulo: 155
 Freyre, Gilberto: 37, 147, 149, 154, 231
 Friedman, Milton: 7, 106
 Furtado, Celso: 9, 83, 85-86

GAGO, MARIANO: 126, 170, 173
 Gameiro, Roque: 170
 Garcia Jr., Afrânio Raul: 83
 Garrett, João Baptista Almeida: 224
 George, João Pedro: 223, 229
 Ginzburg, Carlo: 7-8, 94
 Godinho, Vitorino Magalhães: 31, 40, 43, 55, 64, 115, 122, 148-151, 154, 177-178, 188, 192-193, 223
 Goody, Jack: 188
 Götz, Walter: 95
 Granet, Marcel: 28, 231
 Guedes, António Pinto de Miranda: 159
 Guerreiro, António: 15, 121, 137

HALBWACHS, MAURICE: 7-8, 23-25, 27, 36, 39, 229-230
 Hayek, Friedrich von: 8, 74-78, 106
 Hegel, Georg Wilhelm Friedrich: 75
 Heidegger, Martin: 78, 85, 87, 105

Heisenberg, Werner Karl: 26
 Henrique, Infante D.: 176
 Henriques, Isabel Castro: 151
 Herskovits, Melville Jean: 196
 Hespanha, António Manuel: 151
 Hintze, Otto: 29
 Hirschman, Albert O.: 83-85, 87-90, 236
 Hobsbawm, Eric: 8, 11, 98-100, 105-106
 Horkheimer, Max: 77
 Huizinga, Johan: 97
 Husserl, Edmund Gustav Albrecht: 85

JOÃO II (DE PORTUGAL): 176
 João III (de Portugal): 176
 Jerónimo, Miguel Bandeira: 16, 229, 237-238
 Judt, Tony: 99, 101, 103, 105-107, 237
 Justino, David: 192

KAFKA, FRANZ: 48, 234
 Kandalu: 206
 Keynes, John Maynard: 7-8, 73-74, 76-77, 89, 105-106
 Kluckhohn, Clyde: 196
 Kraus, Karl: 105
 Kristeller, Paul Oskar: 97
 Kuznets, Simon: 86

LA BLACHE, VIDAL DE: 27, 31
 Lacan, Jacques: 79
 Lacerda, Silvestre: 130, 229
 Lamprecht, Karl: 29
 Laslett, Peter: 30
 Lazarsfeld, Paul: 58
 Leão XIII (Papa): 35
 Leão, Duarte Nunes de: 191
 Leite, Duarte: 148, 172

Leopoldo II (da Bélgica): 209
 Lévi-Strauss, Claude: 79, 235
 Levinas, Emmanuel: 83-85, 87, 89-90, 235-236
 Lima, Sebastião de Magalhães: 162-163
 Lipset, Seymour: 86
 Lisboa, Eugénio: 44
 Llosa, Mario Vargas: 7, 9, 201, 212-214, 239
 Loff, Manuel: 182-183, 187
 Lomba, Pedro: 183
 Lopes, Fernão: 191
 López, Pablo Javier Pérez: 163, 168, 237-238
 Lourenço, Eduardo: 193, 215
 Lousse, Émile: 36, 39
 Löwith, Karl: 95
 Luís XIV: 95

MACEDO, ANTÓNIO DE SOUSA DE: 191
 Macedo, Jorge Borges de: 116, 176
 Magalhães, Joaquim Romero: 40, 150, 152
 Mandeville, Bernard: 88
 Manheim, Karl: 95
 Manuel I (de Portugal): 147, 176
 Margarido, Alfredo: 31, 33, 43-47, 53-55, 64, 115, 149, 154, 163, 178, 196, 233-234
 Marquês de Pombal: 181, 192
 Márquez, Gabriel García: 201
 Martins, Oliveira: 30, 55, 163, 168, 191
 Marx, Karl: 75-76, 99
 Mata, Inocência: 201
 Matos, Artur Teodoro de: 152
 Mattoso, José: 194-195, 197-198
 Mauss, Marcel: 28, 231, 233
 Meinecke, F.: 94-95

- Mendonça, Henrique Lopes de: 172
Merton, Robert: 58
Miceli, Sergio: 83, 235
Miller, Joseph: 150
Mintz, Sidney: 188
Molho, Anthony: 15, 92-93, 236
Mónica, Filomena: #
Mónica, Teresa: 129
Monteiro, Nuno Gonçalo: 15, 184
Montesquieu, Charles de: 88
Moore Jr., Barrington: 30, 86, 122
Moreira, Adriano: 34, 196, 219
Moreira, Rafael: 198
Mota, Avelino Teixeira da: 150
Moura, Francisco Pereira de: 192
Moura, Paulo: 215-221, 239
Moura, Vasco Graça: 151
Múrias, Manuel: 147
Murteira, Mário: 35
- NEGRI, ANTONIO: 79
Nietzsche, Friedrich: 97
Nunes, Adérito Sedas: 31, 34-37, 55-56, 192, 232
Nzaji (escravo): 206
- OLIVEIRA, CELINA VEIGA DE: 156
Osório, Alberto: 156-157, 161
Osório, Ana de Castro: 161
- PACHECO, LUIZ: 222, 224
Panofsky, Erwin: 95-97
Park, Robert: 23
Parsons, Talcott: 58
Pascoaes, Teixeira de: 234, 238
Paz, Octavio: 85
Pepetela: 201, 203, 205, 207, 239
- Pereira, José Pacheco: 222
Pereira, Manuel Cerveira: 5, 203-205, 207
Pereira, Miguel Serras: 75
Pereira, Miriam Halpern: 192
Peres, Damião: 147
Perez, Rosa Maria: 152
Pessanha, Camilo: 5, 155-160, 237
Pessanha, José: 156
Pessoa, Fernando: 5, 7, 53, 162-168, 214, 229, 237-238
Pinto, Louis: 83
Pio XII (Papa): 35
Pirenne, Henri: 29, 102
Pires, Daniel: 155, 237
Pizarro, Jerónimo: 163, 168, 237-238
Platão: 75
Plutarco: 201
Polanyi, Karl: 75-78, 80, 175
Pontes, Heloísa: 83
Popper, Karl Raimund: 9, 75-76, 78, 80-81, 105
Pratolini: 234
Prebisch, Raul: 85
Proença, Raul: 129
Przeworski, Adam: 87
- QUEIRÓ, AFONSO: 37
Queiroz, Eça de: 168, 172, 191
Quental, Antero de: 162-163, 191
Ramos, Rui: 181-184, 186-187
- RANCIÈRE, JACQUES: 79
Ranke, Leopold von: 29
Rau, Virgínia: 177
Reagan, Ronald Wilson: 73
Redinha, José: 48-49
Redol, Alves: 191
- Régio, José: 64
Reis, Jaime: 192
Reis, Luís da Câmara: 224
Remarque, Erich Maria: 103
Ribeiro, Orlando: 31, 188, 191-192, 196
Rocha, Carlos: 206
Rodó, José Enrique: 214
Rosas, Fernando: 183
Ross, Dorothy: 107, 231
Ross, Edward: 107, 146, 231
Rostow, W.: 86
Rousseau, Jean-Jacques: 23-24, 230
Rovira, Ignasi de L. Ribera i: 165, 238
Rubim, Gustavo: 155
- SALAZAR, ANTÓNIO DE OLIVEIRA: 34, 133, 147, 149, 176, 186, 219-220, 222, 238
Sampaio, Jorge: 5, 224-227, 239
Santos, Boaventura de Sousa: 79, 193
Sardinha, António: 162, 237
Sarkar, Sumit: 30, 231
Sartre, Jean-Paul: 79, 227
Schmitt, Carl: 78, 81
Schumpeter, Joseph Alois: 77
Schwarcz, Lília: 83, 235
Sena, Jorge de: 116, 238
Sérgio, António: 55, 64, 115, 147, 154, 165, 178, 192, 233
Shakespeare, William: 216
Shils, Edward: 107, 231
Silva, Aníbal Cavaco: 151
Simiand, François: 23
Simões, Alberto da Veiga: 55, 147
Skinner, Quentin: 7-8, 94
Smith, Adam: 88
Snyder, Tim: 101, 237
Sobral, José Manuel: 188, 192, 239
- Sombart, Werner: 29
Sousa, Alfredo de: 35, 232
Sousa, Bernardo Vasconcelos e: 184, 187
Stanley, Henry Morton: 209
Stiglitz, Joseph: 75, 78
Stone, Lawrence: 30, 231
Strauss, Leo: 78
Suetónio: 201
- TAJFEL, HENRI: 192
Thatcher, Margaret: 73, 77
Thomaz, Luís Filipe: 152
Thompson, E. P.: 30, 50, 231
Tocqueville, Alexis de: 104
Troeltsch, Ernst: 94
- VALENTE, VASCO PULIDO: 222
Vansina, Jan: 150
Vasconcelos, Leite de: 191
Vieira, António (Padre): 166
Voltaire: 104
- WASHBROOK, DAVID: 108
Weber, Max: 23, 30, 95, 229
Wittfogel, Karl: 30
Woolf, Virginia: 105
- YEATS, WILLIAM BUTLER: 211
- ŽIŽEK, SLAVOJ: 79
Zola, Émile: 11, 105

Índice analítico

- Antropologia: 32-34, 45, 47, 50, 57, 76, 78, 79, 117, 146, 150, 154, 188, 189, 191, 196
- Arquivo: 8, 10, 15, 17, 21-22, 40, 114, 130-136, 154, 170, 177, 179, 187, 213, 219, 220
- Biblioteca: 21, 26, 30, 40, 55, 66, 114, 123, 125-136
- Biografia: 9, 16, 83-84, 102, 201-202, 207, 212-217, 221-225
- Causalidade: 24, 27, 33, 47, 90
- Ciências Sociais: 11, 16, 17, 21-22, 24-31, 35-36, 38-39, 43, 51-52, 55-59, 61-65, 68, 73, 75, 78-82, 85, 90, 117, 121-123, 126, 189, 202, 223
- Colonialismo: 38, 45, 49, 108, 154, 209, 210, 212
Anticolonialismo: 37, 47, 197
- Crítica: 15, 17, 22, 29, 35, 45, 57, 59, 62, 74, 78, 80, 84, 87-88, 94, 102, 106, 109, 114-115, 122, 143, 145, 148, 151, 153-154, 164, 181, 183-184, 190, 193, 202, 216, 221-223
- Cultura: 26-27, 29, 45-47, 50, 77, 90, 97, 99, 107, 110, 113, 116-118, 124-125, 127, 129, 137-139, 152, 159, 160, 163, 166-167, 176, 194-197, 211, 226
Indústria cultural: 54, 83, 91, 107, 139, 140, 221
- Descolonização: 37, 147, 168, 183, 186, 189, 195
- Economia: 42, 55, 74-78, 81, 85, 86, 105, 110, 175, 178, 193
- Elite: 26, 34, 37-38, 51, 86, 103, 109, 126, 129, 136, 138, 172, 176, 179, 183, 190, 197, 223, 225-226
- Escravidão: 145, 149, 150, 178, 186, 203, 209, 221
Escravo: 50-51, 178-179, 205-206, 210
- Espaço: 15, 37, 66, 72, 97, 127, 132, 193, 207
- Estado Novo (regime de Salazar): 9, 31, 34, 56, 146-149, 169, 176-178, 181-182, 197, 207
- Filosofia: 26, 32, 58-59, 75, 78-81, 86-87, 105
- História: 7-8, 10-11, 13-17, 21-35, 37-43, 45-47, 50-59, 62-64, 71-72, 75-77, 79, 84, 87-88, 91, 94, 97-99, 102-110, 113-115, 121-123, 143-145, 147-154, 163, 165, 167, 178-179, 182, 185, 187-190, 193-194, 197-198, 202, 203, 205, 207, 212, 216, 219, 223, 225, 227
História das Ciências Sociais: 28, 67, 73
História das ideias: 7, 78, 85, 88-89
- Historiador: 8, 10, 14-17, 22, 25, 27, 29, 36, 38-41, 43, 61, 63-64, 71, 83, 91-94, 97, 98, 100-102, 106, 108-109, 113, 145-154, 170, 175-180, 182, 187-188, 194-196, 198, 205
- Historiografia: 7, 9-10, 24, 108-109, 176-178, 194
- Identidade: 24, 27, 37, 48, 92, 144-145, 178, 189-193, 211, 213
- Imperialismo: 63, 98, 154, 164, 166-168, 195-197
- Império: 16, 33, 49, 105, 109, 144-147, 149, 150, 153, 164-167, 169, 178, 180, 190-191, 194, 210
Império colonial: 37, 109, 147, 154, 167, 176, 195
- Intelectuais: 7-11, 16, 25, 32, 43-44, 53-54, 57, 63-64, 68, 71-72, 77, 79, 81, 83-85, 87, 89-90, 92, 95, 102, 104-107, 113, 116, 147, 178, 196, 208, 211
- Investigação: 8, 16, 27-29, 32, 34-35, 39, 43, 47, 52, 58, 60-61, 65-68, 72-73, 80, 86, 90, 93, 95-96, 107-108, 117-118, 120-122, 124, 126, 129, 133, 135-136, 146, 150, 153, 192, 197, 205, 213-214, 220
Investigação histórica (ou em História): 14-15, 36, 52, 64, 117, 121, 133, 148, 152, 187, 194, 212
Investigação. Programas de investigação: 44, 81, 91, 119, 148
- Liberdade: 13, 25, 30, 41, 44, 64-68, 92, 96, 207
- Literatura: 7, 26, 32, 34, 45, 49, 50, 105, 153, 155, 189, 202, 205-206, 208, 224
Ficção: 105, 201-202, 206, 212-213
Poesia: 45, 155-156, 159
- Luso-tropicalismo: 37, 147, 149, 153, 180, 196-198
- Memória: 8, 14, 23-24, 39, 53, 64, 84, 98-99, 101, 103, 106, 113, 118, 129, 131-133, 145-146, 150-151, 169, 177, 189, 194, 198, 202, 205-206, 213, 227
- Política: 8-9, 11, 23, 25-32, 34, 37, 40, 43, 50, 52-53, 56, 58, 60, 64, 72, 74-75, 77-81, 85, 87-90, 93, 95, 97-98, 100, 103-107, 113, 119, 123, 126-129, 132-136, 139, 144-145, 147, 149, 150, 158, 164-165, 171-173, 176-179, 182, 184, 186-187, 190, 192, 195, 215, 219, 222-225, 227
- Psicologia: 25, 29, 78, 191-192, 202
- Racismo: 37, 147, 149, 180, 195
- Regimes autoritários (ditatoriais): 24-25, 76, 86, 105, 176, 182
- Sociologia: 188, 7-8, 11, 23-25, 28-30, 32-35, 39, 45, 47, 55-59, 78-80, 83, 117, 154
- Tempo: 13-14, 26, 28, 31-32, 52, 63, 68, 77, 98, 103, 106, 110, 154, 164-165, 182, 190, 203-204, 206, 216
Longa duração: 75, 99-100, 1910
Acontecimento: 41-42, 152, 183
- Universidade: 10, 23, 37-38, 41, 43, 46, 52, 54, 56-58, 61, 64-68, 77, 83, 99, 103, 105, 108, 113, 115-118, 120-121, 124, 126-127, 139, 150-152, 175, 188, 226-227
- Vigilância: 137, 144, 153-154
- Violência: 147, 180, 192, 203-204, 206-207, 209, 211-214, 219, 221